

Qual a mais forte lembrança que você guarda de Gustavo Dahl?

JEAN-CLAUDE BERNARDET

Quando Idê Lacretra, na ilha em que montava *Hoje*, o filme de Tata Amaral, me anunciou que Gustavo Dahl tinha falecido na véspera, gelei.

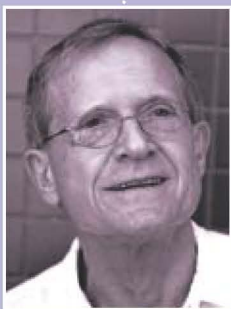
Sinto essa morte como se desabasse o telhado de casa já antiga que ainda consegue se manter mais ou menos em pé, mas cada vez menos. Gustavo e eu começamos juntos no final dos anos 50 no Cineclube Dom Vital, em São Paulo. Quando o cerco apertou, fomos nós dois que enfrentamos o emissário do Centro Dom Vital que veio do Rio de Janeiro para nos dizer o quanto estavam decepcionados conosco e que eles esperavam que evoluíssemos agora numa direção mais correta, entenda-se, igreja, tradição e família. Entendemos que era um ultimato, resolvemos deixar a diretoria, entregar o cineclube aos católicos, o que para nós dois significava afundá-lo. Sobreveio o golpe, o Dom Vital mudou de orientação, produziu um filme (o que nunca tínhamos feito nem pensado em fazer), *Artigo 141*, e depois fechou.

Fundamos a revista *Delírio*: Rudá de Andrade, Gustavo Dahl, Sergio Lima, Fernando Seplinski e eu. Fernando foi o primeiro a morrer. Sergio, não sei dele. Quando Rudá faleceu foi a fachada da velha casa que desabou. Com a morte de Gustavo me sinto só. Não é nostalgia. Pertencço a uma história que está virando a página, eles morreram, eu permaneço, não sei por quê.

ADRIANO APRÀ

Conheci Gustavo quando ele estudava no curso de direção no Centro Sperimentale di Cinematografia (biênio 1961-62, o mesmo curso de Marco Bellocchio e também de um outro brasileiro, do qual acabei perdendo o contato, Gerard Lopes de Magalhães). O seu curta-metragem de final de curso, *Danza macabra* (1962), baseava-se (pelo que posso lembrar) em imagens sobre temas tratados em diversas publicações; parecia um documentário de arte, não um filme de ficção. Mas lembro-me de Gustavo, sobretudo, como cinéfilo, numa época em que se estava lentamente impondo um novo modo de ver o cinema e a sua história, com inspiração na *politique des auteurs* de marca francesa. Quanto a isso, nos encontrávamos em perfeita sintonia e ambos isolados em comparação ao gosto dominante (vivíamos, por exemplo, ambos em desacordo com Bellocchio, que dava uma grande importância ao Free Cinema inglês, enquanto nós dávamos à Nouvelle Vague). Gustavo foi quem me introduziu Yasujiro Ozu, que na época para mim era pouco mais que um nome, e até tentei traduzir para a revista no qual escrevia, *Filmcritica*, um ensaio seu sobre Ozu, publicado no O Estado de São Paulo, sem êxito. Que pena! Teria sido o máximo para aqueles anos.

ADRIANA VIGHI



DIVULGAÇÃO



Acho que depois Gustavo regressou ao Brasil e não o vi mais por alguns anos. Na Mostra de Pesaro de 1969, assisti *O bravo guerreiro*, que gostei bastante pelo seu rigor e que me parecia representar, em contraste com o barroquismo de Glauber, uma direção oposta na busca formal para o Cinema Novo. Entrevistei-lhe em Roma para a revista que então dirigia, *Cinema & Film* (n. 11-12, estate-autunno 1970), e ainda hoje penso que foi uma das melhores entrevistas que realizei.

Gustavo veio viver em Roma por um tempo, no começo dos anos 70, anos de bastante efervescência para a cidade em termos de dinamismo cultural. Nesta época nos encontrávamos frequentemente, e sempre com uma grande sintonia, seja cinematográfica ou humana. Encontrava-se com frequência em aqueles anos outros brasileiros, envolvidos com o cinema ou com o jazz, que gravitavam ao redor da casa de Gianni Amico, que se encontrava a dois passos da minha. E nossas casas estavam de portas abertas, onde se podia entrar sem aviso prévio, com a segurança de ser recebido com entusiasmo. As conversas com Gustavo e Glauber estão entre as mais estimulantes que eu guardo na lembrança.

Nunca assisti ao segundo filme de Gustavo, *Uirá*, que ele realizou na volta do seu exílio romano.

Fiquei muitos anos sem que o encontrasse novamente, mas quando estive pela primeira vez no Rio de Janeiro, em 2000, o reví, e parecia que tínhamos nos visto um dia antes. Reencontrei-lhe, uma vez mais - e foi a última vez - no Festival de Curitiba de três ou quatro anos atrás, um pouco rapidamente.

Lembro-me dele sempre com um sorriso no rosto, melhor, com uma risada: extrovertido, exuberante, entusiasta, aberto ao novo. Um amigo distante, mas perto no coração.

MARIA LÚCIA DAHL

A lembrança mais forte que tenho de Gustavo é a do seu carisma. Ele foi um dos homens mais carismáticos que já conheci.

O que se passou em Roma... Eu andava muito com a Helena Costa, filha do Lúcio Costa, e ela conhecia toda a turma de cinema de lá, onde Gustavo fazia o Centro Sperimentale, era colega do Marco Bellocchio, do Bernardo Bertolucci, do Paulo Cézar Saraceni, do Sandro Franchina, entre outros, aos quais fui apresentada. Encontrei-o, parado na portaria do meu hotel com a Helena, onde teriam ido me buscar pra passear junto com o Paulo Cézar e a minha irmã, Marília Carneiro, pra dar uma volta pela cidade e almoçar em algum lugar interessante. Gustavo só me cumprimentou com um risinho que poderia significar tudo e imediatamente me amarrei nele sem termos dito ainda uma só palavra.

Então saímos andando por uma das cidades mais lindas do mundo e eu não podia parar de olhar pra ele, ouvir o que ele dizia. Fiquei fascinada com o seu charme e esse fascínio mútuo foi crescendo e fez com que ele terminasse a relação que tinha com uma francesa, a Martine, e fosse morar comigo, em Paris, na casa do Embaixador Paulo Carneiro.

Depois viemos pro Brasil e meus pais exigiram que nos casássemos antes de morarmos na casa deles. Foi um casamento diferente. Casamos no civil, fizemos uma recepção na casa dos meus pais, na Av. Atlântica, onde usei um vestido dourado, minissaia, decotado, lindíssimo, que o Guilherme Guimarães me deu de presente, depois saímos com todo o pessoal do Cinema Novo e fomos ver o show do Lennie Dale, no Beco das Garrafas, de onde partiríamos para o Hotel Paineiras para passarmos a lua de mel, mas, como era muito

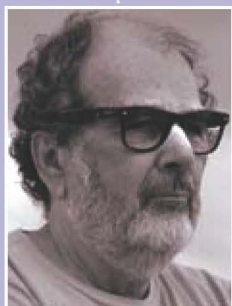


ACERVO PESSOAL

longe, e tínhamos bebido um pouquinho demais, voltamos pra Av. Atlântica e dormimos de novo na casa dos meus pais, deixando a lua de mel pro dia seguinte.

Era uma época muito louca, de “casamento aberto” e outras tentativas de mudar o mundo, o que de uma certa forma conseguimos, virando totalmente a mesa na forma de enfrentar as relações. Minha irmã diz que a lembrança mais forte que tem dele era o seu vocabulário sofisticado e intenso. Gustavo era uma pessoa inteligente e cheia de humor, que fará falta nesse mundo, principalmente entre os artistas e intelectuais.

CARLOS DIEGUES



DIVULGAÇÃO

Conheci Gustavo Dahl por carta, desde a época em que ele morava em São Paulo e foi depois estudar cinema em Roma. Foi Glauber Rocha quem nos pôs em contato, achando que íamos nos entender muito bem, o que de fato aconteceu. Os textos de Gustavo, os das cartas assim como os de seus artigos no Estado de São Paulo, me impressionavam pela elegância e pelo nível espantoso de seu conhecimento. Tornei-me um admirador de tudo que ele escrevia. Conheci-o pessoalmente no aeroporto do Rio de Janeiro, onde fui um dos amigos a buscá-lo chegando da Europa depois dos anos de estudo e vivência em Roma e Paris, de volta ao Brasil para iniciar sua vida de cineasta. A mesma elegância de seus textos se reproduzia no seu modo de vestir e de se comportar, no seu sorriso crítico, na sua capacidade de ser preciso mesmo no mais tolo comentário. Muitos anos depois, acompanhei seu trabalho na fundação da distribuidora de Embrafilme, onde a fina elegância e o saber cultural cederam vez à firmeza e pragmatismo com que geriu a empresa e levou-a a se tornar uma das três maiores distribuidoras na América Latina, incluídas aí as *majors* americanas. A mesma firmeza que o vi empregar no ano 2000 quando seu instinto privilegiado o levou a organizar o Congresso Brasileiro de Cinema que reorganizava a atividade na retomada da produção. Durante esses últimos dez anos, ele simplesmente liderou o processo de recuperação do cinema brasileiro através de suas intervenções institucionais e de sua gestão à frente do Congresso, do GEDIC (Grupo de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica, formado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, em 2001) e finalmente tornando-se o primeiro presidente da ANCINE (Agência Nacional de Cinema), em 2002. De todos esses momentos, o do Congresso de 2000, em Porto Alegre, talvez seja o mais significativo do trabalho de Gustavo com o cinema brasileiro. Foi ali que, exercendo com grande sabedoria o papel de líder político e gestor institucional, ele conseguiu reunir todos os segmentos da atividade, de realizadores a exibidores, de produtores a distribuidores, de laboratórios a jornalistas, em torno de um programa único de defesa do cinema brasileiro.

FABIANO CANOSA



O Festival do Rio de 1965 tinha apenas acabado.

Pela primeira vez tivéramos na cidade uma massiva presença de celebridades e cineastas de renome. Warren Beatty, Joseph Von Sternberg e outros menos conhecidos, como Roman Polanski e Jerzy Kawalerowicz.

O cinema fervia no meu espírito e, entre os poucos primeiros amigos que tinha feito no cinema brasileiro, David Neves, com seu temperamento congenial, me diz: “Vamos ao Paissandu ver *Prima della rivoluzione*, do nosso amigo Bernardo Bertolucci? É uma sessão especial, foi um amigo que trouxe a cópia da Itália via Itamaraty”

O FIF Rio tinha trazido *I pugni in tasca*, de Bellocchio e *O Evangelho segundo São Mateus*, de Pasolini. Era um ótimo momento para o cinema italiano.

Fui com David ao Paissandu, que, pouco tempo depois, seria o cinema de arte de toda uma geração. A sessão estava marcada para as 22 horas. Enquanto bato papo com Saraceni, sou apresentado a Arnaldo Jabor, tenho a comoção do meu primeiro encontro com Glauber Rocha, cujo *Deus e o diabo* era, desde março de 1964, o farol que iluminava todo o cinema brasileiro das nossas convicções nos mares conturbados da ditadura. Cumprimento Leon Hirszman pelo *A falecida*, que tinha dado o prêmio de melhor interpretação feminina a Fernanda Montenegro no recente festival.

Mas nada do filme.

A cópia seria trazida por Gustavo Dahl e, enquanto aguardávamos, David teve tempo de me explicar que Gustavo tinha acabado de regressar da Itália, onde havia estudado cinema. David me doutrinou sobre Gustavo com humor e admiração. Ambos eram cineastas sem filmografia (como Jabor), mas cineclubistas decididos a fazer longa-metragens à primeira oportunidade. David tinha dirigido alguns institucionais, Gustavo estava para filmar nas cidades barrocas de Minas Gerais *Em busca do ouro*. Como bom mineiro, David tinha “aprovado” o projeto com o entusiasmo que era sua marca registrada.

De repente, uma comoção diante do cinema: a cópia chegara. E do táxi salta a enormidade de Gustavo Dahl, sua figura leonina retirando a preciosa cópia da mala do carro e, com um sorriso e a inflexão de barítono satisfeito, ele brada: “A cópia chegou! Antes tarde do que nunca!” E assim, pudemos saborear o primeiro grande filme de Bertolucci, um amigo que, com o decorrer dos anos, foi uma corrente sólida na nossa relação.

Aquele momento cinéfilo, operístico, foi o suficiente para me aproximar de Gustavo, cujo primeiro curta teve sua *première* no mesmo Paissandu um ano depois. A vida nos levou a New York, Berlim, Brasília e tantas cidades onde a gente sempre partilhou ideias e a companhia de amigos fiéis. Gustavo fez menos filmes do que deveria porque um estranho sentimento cívico se apossava dele em prol de uma melhor estrutura para o cinema brasileiro, fosse no campo da distribuição (Embrafilme), da legislação (ANCINE), fosse no da preservação (CTAv).

O dinamarquês/argentino/brasileiro talvez tivesse sido muito eclético para o nosso empirismo (Gustavo era um príncipe). Mas para aqueles que se impressionavam com seu carisma, sua independência, sua coragem - dentro e fora do sufoco da burocracia do cinema no Brasil - Gustavo é um raro exemplo de integridade e dedicação.

ANA MARIA MAGALHÃES



Conheci Gustavo nos anos 60, éramos belos e jovens. Vivemos muitas aventuras juntos. A começar pelas filmagens de *Uirá* numa aldeia indígena na Serra da Desordem, onde passamos um mês vivendo como os índios. Assistimos à primeira sessão do filme ao lado de seus amigos Gianni Amico e Bernardo Bertolucci. Depois saímos pelas ruas de Roma para tomar um sorvete enquanto eles comentavam o filme. Foi um baita companheiro. Nas horas difíceis me ensinava a encarar os problemas de frente. Nos bons momentos compartilhava a minha alegria cabocla, como ele dizia. Quando nos desentendíamos, citava Maldoror: “As tempestades da juventude precedem os dias felizes”. Preparava para o Diogo uma sopa de legumes imbatível. Aprendi tudo com ele sobre organização doméstica e um pouco de culinária. Ensinou-me a escolher os alimentos no açougue, feira e supermercado. Depois a disciplinar o meu tempo de modo a atender aos afazeres

domésticos e aos meus compromissos profissionais. Extremamente crítico, seus comentários às vezes me surpreendiam pela forma profunda com que compreendia os signos do cinema. Eu já ia à Cinemateca, mas via filmes aleatoriamente. Ele fundamentou o meu conhecimento indicando Stroheim, Sternberg e Dreyer. Um de nossos momentos mais felizes foi o nascimento do João, época em que ele filmou *O tempo e a forma*. Gusto, como eu o chamava, era um intelectual pouco afeito ao mundo dos bebês, fraldas e mamadeiras. Nessa fase não tínhamos babá, eu mesma cuidava das crianças. Uma manhã eu passei de camisola com o João no colo enquanto falava com o Diogo no outro quarto em meio àquela bagunça saudável que as crianças patrocinam, quando o Gustavo vira-se para mim e diz: “Ah, entendi. É um filme neorrealista!” Depois veio a Catarina, linda e de nariz arrebitado. Gustavo apelidou a nossa menina, tão parecida com ele, de macaquinha. Mesmo separados, juntos criamos uma bela família.

GERALDO VELOSO

O que Gustavo nos deixou?

Tensões de uma formação cinematográfica que nos trouxe, pouco a pouco, uma cinefilia em direção à ação de realização. A geração de Gustavo viveu o impasse de viver uma realidade (do país, sobretudo) das ambiguidades (as convicções e a sobrevivência – impasse anti-romântico), eventualmente das “traições” (*Terra em transe*, *O bravo guerreiro*, *O desafio*). Viver ou morrer pelas convicções.

O intelectual ou seu derivativo (o político, em uma ação baseada em princípios de consciência ideológica, que sucumbe à tentação da sobrevivência ao tentar uma negociação com o interlocutor impossível). É como a parábola de Welles: o sapo e o escorpião. Gustavo sabia disso e buscou a possibilidade de “negociar” com o escorpião.

Seus personagens estavam perdidos em seu tempo (*Uirá* vai em direção ao mar diante de uma impossibilidade de viver a transformação da sua cultura). Pereio aponta o revólver para a boca (num belíssimo cartaz de Rubens Gerchman, para o filme). E atira? Importa?

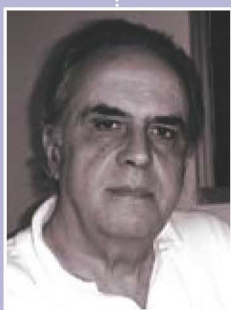
Rosi (*O Bandido Giuliano*), Pasolini (*O Evangelho segundo Mateus*) e *Os guarda-chuvas do amor* (Maria Lúcia Dahl, a “nossa” Deneuve, cantando os temas de Legrand, na porta do Paissandu, com Helena Ignez, na linha de nossas “deusas” Ana Karina, Jacqueline Sassard, Bernadette Lafont) pontuavam a riqueza poliforme de Gustavo Dahl.

Sua morte define o fim de uma estética que há muito se esvai em um universo que, ele mesmo, Gustavo, sabia que não cabia mais na cena do cinema. E da história.

ROBERTO FARIAS

Acho que foi em 1962 a primeira vez que vi Gustavo Dahl. Foi na casa do Joaquim Pedro de Andrade. Gustavo era um rapaz bonito e estava falando francês com a naturalidade de um francês. Eram tempos de Cinema Novo, de internacionalização do cinema brasileiro. Naquele momento, o público já não queria as chanchadas absorvidas pela televisão. O movimento defendia um cinema inovador, uma linguagem que falasse dos grandes problemas brasileiros e fosse capaz de atrair o público. Glauber adorava Gustavo. Quando fui indicado para dirigir a Embrafilme, ele me cochichou no ouvido o nome do Gustavo. Estatura de ministro, dizia Glauber do Gustavo. Logo nos primeiros dias de Embrafilme percebi que iria precisar de gente de confiança para fazer em 4 anos o que a empresa não fizera desde sua fundação. Pilhas de papéis subiam diariamente para a assinatura

LOURENÇO VELOSO



ACERVO PESSOAL



do diretor geral. Reduzi a zero os vícios de uma burocracia absurda onde os anteriores dirigentes se escondiam para diminuir responsabilidades. Primeiro levei Zelito Viana, meu amigo, e com quem sempre me dei bem. O seguinte foi Gustavo Dahl. A distribuidora da Embrafilme precisava de alguém apaixonado por cinema disposto a suar a camisa e trabalhar sem descanso. Gustavo aceitou com entusiasmo. Mas eu queria mais. Precisava formar uma equipe sólida para dinamizar a empresa. Foi quando num encontro de cinema na PUC do Rio de Janeiro vi um jovem barbudo divulgando sua distribuidora de filmes em 16mm. Chamei Gustavo e aponte o barbudinho, pedindo que o contratasse para a Embrafilme. Naquele tempo era assim, eu podia fazer minha equipe, e fiz. O barbudo era Marco Aurélio Marcondes. Gustavo e Marco Aurélio formaram a dupla mais entrosada da minha administração. Os dois desenvolveram sólida amizade e fizeram o diabo naquela distribuidora. Eles vibravam com as conquistas. Toda hora o Gustavo entrava no meu gabinete pedindo mais e mais autonomia. E eu dava, porque o cinema brasileiro não parava de crescer, ocupando o mercado numa velocidade extraordinária: 86 dias por ano; logo 98 dias; 112, chegando a 140 dias. Enquanto eu lutava nas altas esferas do governo para ampliar o espaço para o filme nacional, os dois trabalhavam para que o público enchesse as salas de cinema para além da cota de obrigatoriedade. A Embrafilme inteira eletrizada com as conquistas, o cinema brasileiro era uma avalanche que logo se espalhou para a América Latina, Estados Unidos e Europa. O nome dessa avalanche era Gustavo Dahl, assessorado por Marco Aurélio Marcondes, seu fiel escudeiro.

MARCO AURELIO MARCONDES

Ele é o cara.

Em 2/10/2010, escrevi um longo e-mail falando do meu querido amigo e mestre Gustavo Dahl. Ele havia me convidado para um bate-papo no Festival do Rio, cujo tema era Os Arrasa-Quarteirão, tema da edição da Filme Cultura. Este texto é uma compilação daquele e-mail.

Foi memorável o bate papo com a mediação de Gustavo. Dele participaram ainda dois Campeões de Bilheteria: Pedro Rovai e Diler Trindade. No e-mail convocatório eu dizia: “Quem vai moderar o bate papo é O CARA: Gustavo Dahl. Certamente uma das pessoas mais generosas que conheço ou conheci, com quem aprendi os fundamentos deste nosso mercado de sombras, e com quem continuo aprendendo e a quem continuo seguindo”.

Incansável na formulação teórica sobre o CINEMA e seus infindáveis MISTÉRIOS, GD foi igualmente infatigável como formulador e gestor de políticas para o nosso setor, indo do teórico ao prático, como ninguém, vide a SUCOM da EMBRAFILME, a ANCINE, o CTAV, a CINEMATECA BRASILEIRA, e a FILME CULTURA, que refundou, seu último xodó. GUSTAVO, o Bravo Guerreiro, era o herdeiro legítimo de PAULO EMÍLIO, e, para mim, foi além de seu mestre.

O Guerreiro não parava de pensar e fazer. Ainda tinha muito para nos dar e dizer, como bem ilustra o último e-mail que recebi dele, em 15 de maio, 42 dias antes de ele nos deixar: “Comandante. Cheguei e estou indo para SP sábado de madrugada. Na segunda te procuro para marcarmos. Voltando de avião, li no Página 12, jornal esperto de Buenos Aires, entrevista do nosso Samuel (Pinheiro Guimarães), que pelo que entendi agora é interlocutor do MERCOSUL para o mundo. Concluía falando do audiovisual como instrumento obrigatório de integração regional. Como o assunto me interessa queria levar um lero com ele. Você pode me passar o email dele? Fora disso, saudades e vontade de trocar figurinhas”.



ACERVO PESSOAL

GUSTAVO também foi um dos melhores montadores do cinema brasileiro e cineasta de obras-primas, como *O bravo guerreiro* e *Uirá*, mas abdicou desta vocação para se entregar de corpo e alma no bom combate pelo cinema. Nosso primeiro arrasa-quarteirão foi *A dama do loteação*, do querido Neville d'Almeida, estrelado pela divina Sonia Braga. Juntos, em 78, recebemos o Destaque de Marketing, da ABV, Gustavo com 39 anos, eu com 28. É desta época o antológico conceito: Mercado é Cultura, que depois, antropofagicamente, ele acrescentaria Cultura Também é Mercado!

Um dos melhores amigos de GLAUBER, e segundo nossa querida Maria Gladys, também seu guru, me apresentou a Glauber logo que este voltou do exílio, em memorável e inesquecível ajantarado a três na Cinemateca do MAM que durou umas 6 horas. Daí, a dois, passamos a fazer estes ajantarados sempre - nosso recorde foi no aniversário dele de 70 anos. Tive a honra de ser convidado por Catarina, João e Diogo, para celebrar em família a data. Iniciamos os trabalhos às 14hs, na casa de Santa Teresa, e terminamos os dois, sóbrios, às 5:30 da manhã no Mondego na Atlântida. Ao longo de mais de 35 anos, selamos e construímos uma amizade inquebrantável e cúmplice. Como me farão falta estes ajantarados e a nossa troca de figurinhas. Saravá!

Como falávamos sempre: o mundo gira e a Lusitana roda e assim sempre haverá gente a se inspirar em Gustavo e seu legado.

SILVIO DA-RIN

A pergunta que serve de provocação a esse depoimento me remete, simultaneamente, ao primeiro e ao último encontro que tive com o saudoso amigo.

A primeira vez que vi Gustavo foi em 1966, no saguão do cinema Paissandu, na noite de lançamento da coletânea *Cinema moderno, cinema novo*, coordenada por Flávio Moreira da Costa. Seu artigo, *Sobre o argumento cinematográfico: começo de conversa*, abria o volume. O Paissandu era nosso templo de cinefilia. Adolescente que morava a duas quadras, naquela noite me excitava o prazer de conhecer o autor das elaboradas críticas que já havia tido oportunidade de ler. Comprei o livro e cometi um engano ao agradecer a dedicatória, antes de lê-la: "Obrigado, Gustavo". - "Gustavo é aquele ali", me disse David Neves, de quem também me tornaria amigo. Voltei para casa com os dois autógrafos e devorei os primeiros ensaios naquela mesma noite.

Ao longo da vida, voltei algumas vezes a esse texto de Gustavo, que cita a célebre frase de Luc Moullet - "a moral é uma questão de travellings" - para desenvolver o argumento destrutivo: "...sem Moral, nada de travellings". E termina com uma ode aos verdadeiros artistas, que "trabalham para que o homem, uma vez o paraíso perdido, conquiste um outro, do qual não mais será expulso". Creio que esse foi uma espécie de programa de vida que Gustavo traçou para si mesmo.

A última vez que o encontrei foi na casa de Santa Teresa, poucos meses antes de seu desaparecimento. Eu estava amadurecendo a decisão de disponibilizar meu nome para a sucessão na diretoria colegiada da Ancine e fui buscar aconselhamento. Como sempre, Gustavo me recebeu de braços abertos, tirou da geladeira um vinho rosé e nos acomodamos na varanda. A conversa passou pelo CTA e seu Núcleo de Animação recém reativado; pela revista *Filme Cultura*, que eu e Juca Ferreira havíamos decidido retomar e Gustavo assumiu com visível prazer a responsabilidade editorial; por projetos de conservação de matrizes; e, finalmente, chegamos à Ancine.



DIVULGAÇÃO

Gustavo foi o principal defensor de um órgão gestor do audiovisual, capaz a um tempo de suprir o vácuo regulatório deixado pela súbita extinção do Concine, em 1990, e também de operar como agência de desenvolvimento setorial, assumindo as responsabilidades de fomento que a desaparelhada Secretaria do Audiovisual não conseguia atender. Conversamos longamente sobre os erros e acertos desses anos transcorridos desde a edição da MP de 6 de setembro de 2001, que criou a Ancine.

Alguns dias atrás, caiu em minhas mãos seu texto *Testemunha ocular*, recém publicado no catálogo da 6ª Mostra de Cinema de Ouro Preto. Trata da crônica dificuldade para conservação adequada de nossa memória audiovisual. Nesse texto, Gustavo rememora com *fairplay* as punhaladas que sofreu, desde o primeiro incêndio da Cinemateca Brasileira; passando pelo realismo cru de Paulo Emilio, ao reconhecer que “há um diabo torto com essa história de cultura no Brasil”; chegando ao despejo de filmes promovido pelo MAM nos anos 1990. E conclui: “As punhaladas, como as namoradas, depois da terceira não se contam mais. Vira normal”. Foram suas últimas palavras publicadas em vida.

Assim era Gustavo, a um tempo sonhador utopista e realista empedernido. Frasista notável, nos deixa inúmeras lições de como combater o bom combate, sem perder a leveza e o bom humor.

AÍDA MARQUES

Muito querido amigo Gustavo,

Escrevo para dizer que estou com saudades, e o curioso é que sonhei com você há duas semanas. Engraçado por dois motivos: primeiro, porque eu raramente me lembro de sonhos quando acordo e, em segundo lugar, porque no meu sonho você estava sentado, escrevendo muito atento e absorvido pela tarefa de atualizar o seu *curriculum vitae*. Você não para!!!

Me lembro que foi no trabalho que nos conhecemos, durante meses ficamos negociando um fotograma pra cá, dois fotogramas pra lá; na moviola Intercine, eu queria montar seu filme. Te conhecia muito mal, apenas havíamos trabalhado juntos na Embrafilme. Nos encontramos algumas vezes nos corredores e uma entrevista que fiz com você para um programa Cinemateca, aliás, também idealizado e bancado pela Sucom, da qual você era superintendente. Eu dirigi esse especial sobre montagem e, é claro, você foi entrevistado por mim.

Poucos anos após, já não estávamos na Embrafilme, mas eu te telefonei e disse que queria montar o longa-metragem que você acabara de filmar. A partir daí (1982), foram muitos encontros, conversas e sonhos de projetos e de filmes.

Durante tempos nos desencontrávamos e então nos reencontrávamos e o caminho e o afeto e a sintonia eram sempre a mesma. Ultimamente, falávamos de ensino de cinema, restauração de filmes e também bebíamos vinho. Isso era bom, o prazer compartilhado à mesa. E a gente sonhava, especulava, e você costumava, no final, fazer uma síntese das questões e trazê-las para o presente, atualizar para tentar realizar. Por fim, estávamos sonhando juntos – ideia sua, que eu adorei e incorporei imediatamente – em fazer uma grande instalação sobre o Cinema Novo. Estava pronta para encarar esse desafio com você, mas agora você me faz falta, sinto saudades e acabo sonhando com você preocupado com o *currículo*.

Um beijo grande de sua sempre amiga, Aída.



DIVULGAÇÃO



VERA ZAVERUCHA

“Perdemos, cada um, um carro”, esta era uma *inside joke*, durante nossos dias em Brasília quando gestávamos a Ancine. Esta frase se completava com “mas tudo vale a pena se a alma não é pequena”. Gustavo e eu tivemos uma história longa de amizade. Nosso primeiro encontro se deu em 1995, quando ele me procurou para falar de seus projetos. A partir daí não nos separamos mais. Gustavo tinha uma sensibilidade e uma generosidade que pouco encontramos ao longo de nossas vidas. Isto era o que mais me atraía em Gustavo. Passamos a trabalhar juntos. Para os encontros de Gramado, entre produtores e exibidores, para o Festival de Brasília, onde iniciamos o projeto da Ancine. E na Ancine em sua estruturação. Ele com seu pensamento surpreendente, com sua visão sistêmica, com sua visão pública, com sua dimensão do real e surreal. Isto possibilitava nossas conversas de horas que muitas vezes, regadas de vinhos e de conhaques terminavam em risos ou choros.

Nunca confiei tanto no pensamento de uma pessoa como confio nos pensamentos de Gustavo. Ele era completo: Cinema/Cultura/História/Arte/Preservação/Memória/Mercado. Não só nesta ordem, mas em todas as ordens (e desordens). Mais que um homem de frases geniais, um homem capaz de perdoar aqueles que o traíram com sorrisos nos lábios. Gustavo em seu provavelmente último artigo *Testemunha ocular*, escrito para Ouro Preto onde esteve um pouco antes de sua morte, terminava:

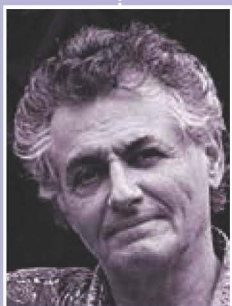
*“as punhaladas, como as namoradas,
depois da terceira,
não se contam mais.
Vira normal”*



ALFREDO MANEVY

Como estudante de cinema, conheci pessoalmente o Gustavo na retomada do congresso de cinema, em 2000. Já havia lido e estudado alguns dos seus artigos – centrais para a consolidação do cinema brasileiro nos anos 70 - e foi uma grande alegria vê-lo em atuação como presidente do Congresso. Gustavo tinha extraordinária formulação e compreensão da complexidade da atividade cinematográfica. Além disso, era hábil e bem humorado para levar adiante a tarefa. Quando falava, combinava desenvoltura intelectual com uma vivência enorme como cineasta e distribuidor. Para alguém como eu, que saía da faculdade e editava uma revista de cinema, Gustavo era uma inspiração. Mais tarde tive a alegria de trabalhar com ele no MinC, durante o governo Lula. Não foi uma surpresa quando ele apresentou o projeto de retomada da Filme Cultura, bem como da edição completa da memória da revista. Gustavo insistia que a qualidade do cinema brasileiro está intimamente ligada à qualidade do pensamento, das ideias circulantes, da atividade crítica independente e qualificada. Em sua visão de conjunto, produção de filmes, reflexão e exibição eram indissociáveis. Uma visão clara - e até hoje rara. Nosso último encontro foi durante a reunião do comitê do Fundo de Inovação em fins de 2010: ele estava entusiasmado com a possibilidade de um investimento que compreendesse inovação de uma forma mais ampla: combinando visão cultural e econômica da atividade.

JOM TOB AZULAY



DIVULGAÇÃO

“Uno se suponía inteligente al escucharlo”, disse de Gustavo Dahl a Eva Piwowarski, a representante do cinema argentino num comovente texto que escreveu sob o impacto da morte do amigo e companheiro das jornadas para a integração audiovisual do Mercosul. Não me lembro de um único encontro nosso que tivesse transcorrido de modo banal. A vida (como o cinema) para Gustavo era para ser vivida de modo pleno, integral, se possível, saborosamente. Gostava de um jantar com vinho cercado de amigos com os quais se deleitava saboreando as palavras como se fossem comida e esta, uma oração. Sob a capa de um *grand seigneur* era humilde e generoso. Eu o admirava, inicialmente, porque sabia como ninguém articular um pensamento que conciliava técnica cinematográfica com estética, história e política. Gustavo era montador, conhecia na prática a essência do fenômeno da linguagem cinematográfica. A isso associava uma intimidade visceral com determinadas vertentes formadoras do cinema brasileiro, em particular as que emanaram da militância e do pensamento de Paulo Emilio e Glauber. Horas antes de sofrer o enfarto fatal, escreveu: “Me lembro de marines, juke box e black-out na Copacabana dos anos quarenta, do suicídio de Getúlio, da Redentora. É muita coisa. Final de gripe e ambos os joelhos inflamados me induzem à melancolia. Mas não estou amargo, somente preocupado com a saúde física e material. Este abaixamento do buraco é uma surpresa e um aviso. Tudo o que acontece é bom.” E partiu com estilo, como era.

EVA PIWOWARSKI



DIVULGAÇÃO

Parafraseando o poeta Miguel Hernández: morreu-me como um raio Gustavo Dahl, a quem tanto queria. Soubemos fazer uma amizade profunda e entranhada desde que coincidimos em uma ideia e convicção pela integração do Mercosul e a paixão pelo cinema. Ele me fascinou por seu pensamento lúcido e franco, o espírito nobre, a mente brilhante, o humor agudíssimo.

Sua capacidade de compreender a realidade e seus desafios o elevava como político; rechaçava visceralmente a mediocridade e ria do que identificava como “*sovietismo*”, inimigo mórbido de qualquer iniciativa de voo.

Lembro de quando, em setembro de 2005, durante a IV Reunião Ordinária da RECAM em Montevideu, em que trabalhei como Secretária Técnica, Gustavo apresentou, entusiasmado e feliz, uma proposta do Brasil. Ele havia conversado com o Chanceler brasileiro, Celso Amorim, que deu seu pleno apoio à criação de uma Cota de Tela Mercosul: o que seria melhor do que compartilhar e aumentar o mercado para nossos cinemas, defendendo-os em conjunto da ocupação de Hollywood? Orlando Senna respaldava a iniciativa. Era o momento de demonstrar grandeza. No entanto, a proposta não foi aprovada; desperdiçou-se a oportunidade histórica. A frustração foi grande: a medida ficou em estudos e nunca foi retomada.

Com Gustavo, mantivemos um rito de amizade que nos reunia cada vez que era possível em torno de um bom vinho e uma boa mesa. A última foi em março passado, em um restaurante excelente no Leblon. Entre risos e afeto renovado, Gustavo me contava feliz da sua atividade no CTAv e apontava para o futuro. Debatendo sobre o presente e o destino das nossas cinematografias, me disse: “Eva, em tudo que conseguimos fazer, e inclusive o que não conseguimos, sem dúvida, nós estivemos do lado certo”.

Saudades, meu amigo. Obrigada por tudo e não deixe de iluminar nossos espíritos.

Saravá i Hasta siempre!